



XII SHCU

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:
UMA VIA DE MÃO DUPLA**

SEMINÁRIO DE
HISTÓRIA DA
CIDADE E DO
URBANISMO

Porto Alegre
15 a 18 de outubro
2012

XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo
Outubro de 2012
Porto Alegre - RS - Brasil

A MEMÓRIA COLETIVA E AS PRÁTICAS COTIDIANAS NA CIDADE DE FRONTEIRA

Karla Nunes de Barros Coelho (UFRGS) - karlabarroscoelho@gmail.com

Arquiteta. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional- PROPUR- UFRGS.



A MEMÓRIA COLETIVA E AS PRÁTICAS COTIDIANAS NA CIDADE DE FRONTEIRA

Resumo

O artigo discute a memória coletiva e as práticas cotidianas existentes nas cidades de fronteira como formadoras de uma cultura local peculiar. Aponta mais especificamente o caso da fronteira Platina, considerando as cidades chamadas cidades-gêmeas, vizinhas, uma frente a outra, localizadas em diferentes países. Nesses espaços o vínculo entre populações de diferentes nacionalidades está impresso na memória e práticas cotidianas do cidadão. As cidades, através das práticas, são utilizadas de maneira complementar, em maior ou menor grau, caracterizando vivências binacionais. A consideração das questões culturais, das práticas cotidianas, da memória coletiva revelam-se importantes no que diz respeito ao planejamento urbano, às políticas públicas específicas para as regiões de fronteira, na otimização da utilização de estratégias, e qualidade de vida nesses espaços urbanos complexos.

Abstract

The article discusses the collective memory and everyday practices in the cities of the border as forming a distinctive local culture. Points more specifically the case of Platina border, considering the cities called twin cities, neighboring one against another, located in different countries. In these spaces the bond between people of different nationalities is printed on the memory and daily practices of citizens. Cities, through the practices are used in a complementary manner, to a greater or lesser degree, featuring bi experiences. The consideration of cultural issues, daily practices, the collective memory reveal to be important with regard to urban planning, public policies specific to border regions, the use of optimization strategies, and quality of life in these urban complexes .

Palavras-chave

Cidades-gêmeas, fronteira Platina, memória na fronteira, cotidiano na fronteira.

Keywords

Twin-cities, Platina border, memory at the border, daily life at the border.

1 A Memória Coletiva e as Práticas Cotidianas

Entendemos a cidade-gêmea de fronteira como um espaço de peculiaridade e ambiguidades. Um lugar de interação constante com o meio e entre diferentes culturas. Ao escolhermos a fronteira platina como foco desse estudo, e ao acreditarmos que uma das peculiaridades desta fronteira esta ligada a identidade do cidadão da fronteira, as práticas sociais, aos fatos históricos e vivências binacionais vividos pelas populações fronteiriças, damos ênfase as questões do lugar, e passamos a salientar a importância de entendermos a memória coletiva, acreditando que esta influencia nos hábitos, na cultura e nas identidades dos espaços de fronteira, na atualidade. A partir da relação de vai e vem que se estabelece com o espaço, e o vínculo que o cidadão estabelece com a sua cidade e com a cidade do outro, trazendo consigo muitas peculiaridades e até novas identidades, a discussão que se tem é que



a fronteira é um lugar de memória, de histórias de vida, de identidade fronteiriça. Dizemos lugar, enfatizando que: “É o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico” (AUGÉ, 1994, p. 76). Ainda, vemos a memória coletiva como uma das constituidoras do lugar, influenciando nas práticas cotidianas do mesmo.

Podemos dizer que as práticas cotidianas transformam o território, sendo que essas práticas diferem ao analisarmos o contexto, levando em consideração a cultura e os hábitos da população de cada região.

Neste momento, abordaremos teoricamente o território e o cotidiano. Em um segundo momento trataremos as discussões do cotidiano e da memória coletiva para as cidades de fronteira, para a fronteira Platina, salientando assim, a importância dessas questões serem verificadas a partir da observação de espaços urbanos complexos, a fronteira internacional.

A observação do cotidiano, que Lefebvre trata como “[...] o real, o empírico, o prático (LEFEBVRE, 1991, p. 17), auxilia na construção de uma abordagem sobre o que entendemos ser o cotidiano tratado aqui. Podemos entender como o dia a dia do homem que habita o lugar. As práticas locais, que diariamente acontecem, se repetem, e passam a fazer parte, muitas vezes das histórias de vida de cada um. O cotidiano, ou melhor, suas práticas, tornam os lugares dinâmicos. O cotidiano, portanto, é transformador do lugar em que é praticado, assim como o lugar pode ser transformador das práticas cotidianas.

Com isso, diz-se que, as práticas do cotidiano permitem a averiguação de como os atores manipulam, utilizam, redefinem, reestruturam, espaços (MARZULO, 1997). Assim, a observação da vida cotidiana nos permite apreender situações da cultura, do desenvolvimento, das práticas sociais estabelecidas por uma população, e verificar como o espaço é utilizado, podendo ser também um caminho para a análise de como acontece a identificação e apropriação do espaço.

A partir da observação do cotidiano, temos a noção da cultura, hábitos de um grupo sobre seu lócus, ou sobre o espaço, e conseguimos observar também como esse lugar afeta o grupo que o habita. Segundo nos diz Certeau, “[...] o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento (CERTEAU, 2011). Dizemos que o enfoque da cultura começa ao definir-se num território onde a vida cotidiana acontece. A cultura também se desenvolve a partir da vida cotidiana.

Podemos observar o cotidiano a partir do presente, e também a partir das práticas cotidianas passadas. A memória social, as histórias de vida, objetos ajudam a desvendar essas práticas passadas. A análise da vida cotidiana envolve concepções na escala da experiência social, tanto passadas quanto presentes. A partir daí, podemos nos apoiar nas memórias, nas histórias de vida.

O cotidiano não possui caráter cumulativo, porém, não tem como fugir das consequências das acumulações. As acumulações são o que podemos chamar de memória social ou coletiva. A memória sim possui esse processo cumulativo, que vai, portanto, afetar a vida e as práticas cotidianas. Podemos dizer, assim, que a memória social afeta as práticas cotidianas, exemplificando que o cotidiano vivido por certa população depende também das memórias pertencentes ao grupo. Assim, o cotidiano não escapa das consequências das acumulações, o cotidiano recebe da memória, um reflexo (LEFEBVRE, 1991). Percebemos, com isso, a consideração da memória coletiva na observação das práticas cotidianas. A observação da memória social coletiva nos faz perceber muitos porquês do cotidiano de uma sociedade.

A memória social, denominada por Halbwachs (2006) de memória coletiva, existente nos grupos sociais, é peculiar e única em cada um deles, sendo construída e alimentada ao longo do tempo. Faz parte da história de um grupo, da história de um país. Aparece no presente de cada um e na sociedade de diferentes maneiras. É



narrada, apropriada, ou vivida, e pode dar diferentes significados para questões atuais. O passado deixou na sociedade de hoje vestígios. São percebidos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes. Em geral, os costumes modernos repousam sobre camadas antigas percebidas em diferentes lugares e práticas (HALBWHACS, 2006). Essas camadas antigas são a história social e a memória coletiva, onde muitas vezes, mesmo sem perceber, baseamos nosso conhecimento sobre os fatos. Marcas deixadas no lugar, que fazem parte das histórias de vida de cada um que habite este lugar. Mas como essa memória coletiva poderia influenciar no entendimento de fatos atuais? E como ela pode influenciar nas práticas cotidianas atuais?

Acredita-se que acontecimentos importantes, marcados na história e na memória coletiva da sociedade influenciam a maneira dessa sociedade de se relacionar com seu espaço, e certamente está ligada aos valores, conhecimentos e opiniões sobre o lugar. A memória coletiva é transmitida e construída por um grupo. Com isso “[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (HALBWHACS, 2006, p.170), e daí a importância de se fazer o link entre o espaço urbano, sua apropriação, as práticas cotidianas e a memória coletiva.

Nas cidades podemos perceber a existência da memória coletiva nas atitudes e hábitos, na cultura, na identidade dos seus cidadãos. A cidade recebe a marca do grupo que a habita, passado e atual, assim como o grupo que a habita recebe as marcas da sua cidade. Podemos concordar que:

O sentido das coisas e práticas no lugar é, também, fruto da memória. A memória coletiva construída e transformada cotidianamente em uma sociedade específica, com uma história e acontecimentos comuns. Por isso, muitas vezes, certo acontecimento pode ter significados maiores ou menores em diferentes grupos, e fazer parte da memória do lugar de maneiras mais ou menos intensas, dependendo da força das marcas que foram deixadas nesta coletividade. A memória coletiva faz parte do imaginário urbano.

Se trouxermos o exemplo da fronteira Platina, as memórias dos conflitos entre os países em função do território, e também de asilos políticos de um lado e do outro da fronteira, permanecem no lugar. A memória dos constantes conflitos e interação materializa-se no gaúcho do Rio Grande do Sul, no gaúcho argentino e no gaúcho uruguaio.

Portanto, tem-se a memória coletiva e o cotidiano como constituidores do lugar. Os acontecimentos, personagens e lugares como constituidores da memória. As práticas sociais estabelecidas e a memória coletiva como constituidoras do cotidiano. Temos um emaranhado de situações que, quando analisadas a partir da empiria- a cidade de fronteira- nos permitirão entender as peculiaridades desses espaços urbanos.

2 A Fronteira Platina como lugar de memória

A fronteira internacional não é simplesmente a área de delimitação do território nacional. Além de uma limitação física entre dois Estados, temos características e simbolismos da fronteira que se materializam nos dias atuais, como reflexos das raízes das relações fronteiriças. Mesmo quando parecem apagadas, as fronteiras sobrevivem em diferentes instituições. Existe alguma coisa mais viva que a fronteira entre o Ocidente e o Oriente, onde vemos que as reminiscências ainda afetam o mundo balcânico dos dias atuais (RAFESTTIN, 1993)? A fronteira platina não é diferente. Acredita-se que mesmo que, as fronteiras se tornem menos rígidas, considerando as questões integracionistas atuais, a identidade, a memória, as práticas fronteiriças, a cultura estará enraizada nesses espaços.



Ainda, se considerarmos as cidades gêmeas, local onde a condição de fronteira é vivida, podemos considerar que ao mesmo tempo que existe uma individualidade, e uma alteridade que se exalta com o contato, assim como as diferenças, temos também, uma sociedade híbrida (CANCLINI, 2006). Nesses locais as culturas se mesclam, os hábitos se confundem. A vizinhança, o contato e o convívio afetam o cidadão da fronteira, bem como o lugar. A partir daí, quanto à hibridização cultural existente na Região Platina, torna-se interessante distinguir entre dois tipos de transformações da cultura: as mudanças internas que resultam da própria dinâmica do grupo, e aquelas mudanças, usualmente bruscas e rápidas, trazidas pelo contato de um sistema cultural com outro (CASTRIOTA, 2009). Na fronteira Platina, podemos perceber que essas mudanças ocorrem das duas maneiras. Tanto as mudanças internas ao longo do tempo, quanto uma é constantemente influenciada pela cultura 'do outro' e vice versa. Ainda, Castriota cita Claude Lévi-Strauss dizendo que a transformação cultural através do contato intercultural é o grande motor do avanço das culturas, pois se incorpora elementos trazidos de outra cultura, e assim, muitos costumes nasceram não de qualquer necessidade interna ou acidente favorável, mas da vontade de não permanecer atrasados em relação a um grupo vizinho (CASTRIOTA, 2009). Portanto, Lévi- Strauss já falava do processo de hibridização sócio-cultural que Canclini descreve. Acontece quando “[...] estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. XIX). As hibridações acontecem entre as culturas dessas cidades, e nas fronteiras internacionais, acontece entre cidades, de diferentes nações.

A proposta aqui é tratar dos antecedentes da fronteira platina, mostrando as raízes das relações e o cotidiano contato das populações fronteiriças tendo como foco as cidades gêmeas de Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR), e Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY).

Esta fronteira assim como todo o Estado do Rio Grande do Sul teve uma integração tardia ao restante do território brasileiro. O Rio Grande do Sul somente começa a ter maior articulação econômica com o restante do Brasil colonial um século depois da descoberta do Brasil. No final do século XVII a economia ganadeira do Rio Grande do Sul começa a ser importante. O povoamento das terras que iam do sul de São Vicente até a Colônia de Sacramento – fundada em 1680-, passou a ser de interesse da Coroa Portuguesa. Por isso, inicia-se a distribuição de sesmarias aos tropeiros e militares criando assim, grandes propriedades rurais e uma economia voltada principalmente a pecuária. O Rio Grande do Sul possuía uma função estratégica e de proteção. Além disso, as disputas com relação à Colônia do Sacramento e a delimitação das fronteiras fez com que surgisse uma grande militarização na região das fronteiras, e em 1760 a região foi elevada a Capitania do Rio Grande de São Pedro (PESAVENTO, 1980).

A memória social desta fronteira é um dos aspectos que caracteriza a fronteira platina, em especial. O universo gaúcho, da maneira que foi construído na literatura e na prática, evidenciando a cultura peculiar e familiar entre esses povos, gerando identidade ao mesmo tempo em que se teve, ao longo da história, uma zona de conflitos entre três soberanias: Brasil, Argentina e Uruguai (LEENHARDT, 2002). Desde o início da colonização, os rios Platinos eram vias de comunicação muito visadas pelas potências europeias, influenciando em conflitos como a Guerra do Paraguai (1865-1870). Este conflito uniu Brasil, Uruguai e Argentina, sendo que um dos marcos dessa Guerra foi a retomada de Uruguiana (BR), ocorrida em 1865, com auxílio de tropas uruguaias e argentinas (MÜLLER, 2005).

Outro conflito importante que uniu esses países da fronteira platina, e que consideramos importante citar, foi a Revolução Farroupilha. Nos anos iniciais, na década de 1840, as duas regiões – fronteira Brasil e Argentina- estavam passando por



situações semelhantes, gerando afinidades entre os povos vizinhos e laços políticos que transcendiam as fronteiras. No Brasil, acontecia a Revolução Farroupilha, mais precisamente os gaúchos contra o Império, e na Argentina as rebeliões da província de Corrientes contra o governo portenho de Rosas. A fronteira do rio Uruguai tornou-se local de fuga, exílio e alianças, reforçando tropas com homens, armas, cavalos, dinheiro e comida, reforçando desde esses tempos, o emaranhado de relações existentes na fronteira platina (GRIMSON, 2003).

Além disso, quanto a esta memória social existente, a qual está se trabalhando com especial relevância, podemos falar até mesmo nas marcas deixadas pelos colonizadores. A lusitanidade e espanidade aparecem nos respectivos idiomas nos dois lados da fronteira, nas culturas que por vezes se misturam, pela proximidade e pelo Rio Grande do Sul ter sido parte do território Espanhol. Também, após tantas lutas entre as forças nacionais e regionais, bem como asilos de um lado e do outro da fronteira, criou-se um território diferenciado (GUAZZELLI, 1997; MÜLLER, 2002). Por esses motivos, a memória social local não pode ser esquecida. Ela dá sentido ao presente estudo e a esses espaços, pois está presente ainda hoje, no cotidiano do cidadão da fronteira platina. Assim:

A história da fronteira entre os diferentes atores do Rio da Prata abriga as mesmas questões: não somente “onde está a fronteira?”, surgida nos combates em torno das províncias Unidas do Prata (1825- 1828), que conduziu a transformação da “Banda Oriental” em um verdadeiro Estado: o Uruguai; “onde está a fronteira resultante da Guerra da Tríplice Aliança (1864, 1870)?” Mas sobretudo como modos de vida e culturas se constroem ou sobrevivem apesar dos recortes que os atravessam, e constituem, à sua maneira, um espaço diferente daquele que tentam definir os Estados, um Estado de cultura mais do que dispositivos estatais de proteção (LEENHARDT, 2002, p. 29).

No caso da fronteira com Brasil e Uruguai, onde vamos tratar das cidades de Santana do Livramento e Rivera, esses espaços possuem uma situação fronteiriça muito peculiar, pois é uma fronteira seca. As cidades foram fundadas respectivamente nos anos de 1823 e 1862. Segundo Golin “[...] O povoamento do norte uruguaio, em especial a partir de Rivera, mesmo que mantivesse relações econômico-políticas e, de certa forma, até culturais, construiu ideologicamente um bloco populacional que reproduziu a divisória do limite internacional” (GOLIN, 2002, p. 55). Assim, percebe-se que a partir do constante vínculo e contato, as diferenças culturais e também ficam claramente expressas. As culturas se mesclam, mas também existe o atrito e choques culturais, fazendo com que a cultura individual aí também se torne forte. O Uruguai, território disputado pelo Brasil e pela Argentina, conquistou a Independência em 1828, mas apenas em 1851 essa fronteira ficou claramente definida. Nestes locais existe uma integração indiscutível de fronteira. Müller nos diz que:

Ao trilhar por ruas, praças, rios e pontes nas fronteiras em questão, passamos a experimentar distintos processos de interação e perceber práticas culturais e intercâmbios estabelecidos pelos moradores locais. As trocas entre lá e cá, as articulações entre o eu e o eles, as influências de ambos os lados e a consciência de um nós, ultrapassam barreiras, cruzam limites, por vezes de modo silencioso e outras de forma gritante, dando concretude ao fenômeno fronteira, tornando-a “viva”, porosa, diluída, borrada e extremamente dinâmica a partir da ação do homem (MÜLLER, 2005, p.03).



O constante contato e integração espacial gerou um espaço fronteiriço singular. As duas cidades se tocam, literalmente contínuas, formando uma conurbação, com códigos comuns que lhe dão sentido. Esse espaço fronteiriço, de inter-relações de profundidade histórica, de cotidianos que constroem o presente e respondem a uma história, escapa às limitações políticas, em direção a construções próprias. As práticas cotidianas rompem conceitos do Estado, da Nação, da cultura nacional, e fazem ressurgir os sujeitos, os hábitos e a vida diária. A linguagem funciona como símbolo de identidade. O reforço da identidade nacional se concebe paralelamente, sem perceber aos “outros” como estrangeiros, ainda que existam vários mitos nessa relação entre as duas populações (BETANCOUR, 2008).

Essas construções teóricas, vezes de integração, vezes exaltando a alteridade de cada povo, são comuns na bibliografia da fronteira. A “Fronteira da Paz”, como é denominada essa fronteira Brasil/ Uruguai, forma uma conurbação, com 180.000 habitantes. Aí existe a união espacial de duas cidades, em diferentes territórios nacionais, que certamente possuem características próprias, resultantes desse contato intenso. Este é “[...] um núcleo com enraizados vínculos sociais e culturais construídos pelas relações locais, econômicas e de parentesco” (MAZZEI, 2001, p. 40, tradução nossa).

Quanto a fronteira Brasil/ Argentina, tratada aqui a partir do foco nas cidades de Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR), faz-se importante citarmos Ave Lallemand, descrevendo uma viagem pelo Rio Grande do Sul em 1858. Diz ele, que:

Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano- francesa que parece apoiar-se em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevideú do que em Porto Alegre ou Rio Grande” (AVE-LALLEMANT, 1980. P. 298).

Acredita-se que a descrição acima faz-nos perceber a ligação entre as duas povoações da época, localizadas uma em território brasileiro, e outra em território argentino, mas com um contato que fazia com que as comunidades quase não se distinguissem. As noções mais fortes de nacionalismo chegam na região somente a partir da Guerra do Paraguai, em 1865, quando as cidades são invadidas pelas tropas Paraguaias. Observando a evolução urbana dessas cidades, percebeu-se que a relação de complementaridade existente entre as cidades vizinhas acontece, desde os primórdios da fundação, até os dias atuais (BARROS COELHO, 2008).

Ambas as cidades, Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR), foram fundadas em 1843, uma frente à outra, demonstrando a necessidade de proteção territorial da época. Neste momento as fronteiras ainda eram enfatizadas como territórios militarizados, territórios onde a função principal era a segurança do Estado Nacional, mesmo assim, o vai e vem dessa população local, fazendo a travessia do Rio Uruguai, acontecia constantemente. A comunicação com outras cidades dos seus respectivos países era mais difícil, e por isso, uma cidade apoiava-se na outra criando muitas vezes, suas próprias estratégias de sobrevivência. Além disso, a rede ferroviária que ligava Libres à capital argentina chegou dez anos antes da ligação Uruguaiana/ Porto Alegre. Por algum tempo, a comunicação e acesso a serviços especializados do cidadão de Uruguaiana era mais facilitada com a Argentina do que com o Brasil. Um século depois da formação das cidades, foi construída a ponte rodo ferroviária ligando as duas cidades, como estratégia comercial e maior contato com o país vizinho, trazendo alterações na estrutura urbana das cidades e nas relações interpessoais que aí aconteciam. Segundo Müller, sobre a fronteira Platina:

Essas comunidades possuem vínculos culturais, favorecidos pela região banhada pelo Rio da Prata. O hábito do chimarrão e do churrasco, fortemente cultivado pela população



fronteira, está entre os aspectos culturais que se transformam em amarras de união e de interseção, reforçadas pelas músicas e danças gauchescas e pelos laços de família, que, nas idas e vindas dos habitantes dessas cidades, que com o passar dos tempos, criaram-se e intensificaram-se naqueles espaços. Movimentos de guerras e disputas por terras também tiveram papel preponderante no que se refere a interação, pois na medida em que as diferenças eram exaltadas, os grupos que circulavam pelo território fronteiriço forçosamente se relacionavam e interagiam deixando suas marcas no 'outro' (MÜLLER, 2002,p.02).

Com isso, podemos perceber a fronteira Platina como uma região de identidade. A Campanha dos atuais territórios sul-rio-grandense, Uruguai, e pampa argentino, constituíam uma unidade no período de sua formação, chamada Região Platina (SCHEIDT, 2011). Essa identidade existe até hoje, e está fortemente presente na memória coletiva da sociedade Platina. As práticas, intercâmbios e influências sempre aconteceram nessas regiões, quando fronteiras mais rígidas, e quando fronteiras mais integradas. Esta é a realidade da fronteira Platina, seus antecedentes e práticas que perduram até a atualidade.

Atualmente, percebemos as marcas da memória no cotidiano do vai e vem fronteiriço, nas práticas locais de passar para o outro lado para utilizar-se do comércio, serviços, lazer. As relações familiares entre os cidadãos fronteiriços das cidades gêmeas também se perpetuam. A cultura local de um, ao mesmo tempo que se parece, difere da cultura local do outro. A semelhança, e ao mesmo tempo o sentimento de alteridade fazem parte das características de ambiguidade existentes nas fronteiras desde os primórdios. A memória coletiva aí existente se resume em uma mescla de confrontos e cooperações fronteiriças, em grandes e pequenas escalas. A escala local, o cidadão da fronteira, a vivência binacional na cidade-gêmea, perpetua a cultura fronteiriça. A cultura da ambiguidade, a cultura híbrida, uma cultura global, nesse pequeno contexto local.

3 Considerações Finais

O presente artigo faz parte do trabalho de projeto de pesquisa de tese de doutorado. A pesquisa ainda não foi finalizada, mas o objetivo do artigo foi, a partir da teoria da memória coletiva e das práticas cotidianas, salientar a presença e a importância desses aspectos nos espaços urbanos de fronteira, nas cidades-gêmeas platinas. Percebeu-se que as relações entre as populações dessas cidades são constantes. Essa relação faz surgir questões sobre essa cultura que se torna híbrida, ao mesmo tempo que salienta as diferenças, e portanto, possui alteridade.

Percebemos que ao tratarmos destes territórios fronteiriços, temos que considerar as relações aí existentes, tanto de trocas, de cooperação, como de conflitos, pois são essas relações que fazem desses territórios de fronteira, diferenciados. Consideramos, por isso, as práticas cotidianas locais, bem como a memória coletiva presente no lugar. Na fronteira, temos sim, linhas limite que demarcam os territórios nacionais, que demarcam um território físico. Apesar da delimitação, o território de fronteira tem uma maleabilidade simbólica, com relação a sua territorialidade, podendo em alguns casos, ser considerado território uno, se levarmos em conta o grau das relações aí estabelecidas.

Percebemos a complexidade das relações recíprocas existentes entre os territórios fronteiriços. A atualidade do tema fica evidente se lembrarmos que os territórios de fronteira tem características globais, globalizantes, que se constroem já à muito tempo. Este território híbrido passa a ser na era da globalização, mais evidenciado.



Não esgotamos o assunto, as discussões podem e devem continuar, mas percebemos a importância de se considerar a cultura da cidade-gêmea, uma cultura peculiar, e conseqüentemente, espaços urbanos complexos em função do cotidiano de vínculos presentes passados e atuais. Essa consideração pode se revelar importante no que diz respeito ao planejamento urbano, às políticas públicas específicas para as regiões de fronteira, na otimização da utilização das estratégias fronteiriças, e na qualidade de vida nesses espaços urbanos chamados por nós, complexos.

4 Referências Bibliográficas

- AUGÈ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul: 1858**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- BARROS COELHO, Karla Nunes de. **Influências Urbanas nas Cidades de Fronteira: o caso de Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR)**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)- PROPUR/ UFRGS, 2008.
- BENTANCOR, Gladys Teresa. *As Fronteiras num Contexto de Mudanças: A Vida Cotidiana das Cidades-Gêmeas Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil)*.
- Ateliê Geográfico**, Goiania- Go, v. 2, n. 3, p.18-42, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GOLIN, Tau. **A Fronteira. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2002.
- HALBWHACS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEENHARDT, Jacques. *Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização*. In.: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil- Uruguai- Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MARZULO, Eber Pires. *Cotidiano & espaço*. Porto Alegre : UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1997. 15p
- MAZZEI, Enrique. Rivera(Uruguai)- Sant'Ana (Brasil): Identidad, território e integración fronteriza. In: **Revista de Ciências Sociais, Montevideo**, (19) 16-49, abr. 2001.
- MÜLLER, Karla Maria. *Espaços Conurbados de Fronteiras Nacionais*. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 13, p.01-16, dez. 2005. Semestral. Disponível em: <seer.ufrgs.br/intexto/article/download/4209/4467>. Acesso em: 02 abr. 2012.
- MÜLLER, Karla Maria. *Práticas comunicacionais em espaços de fronteira: os casos do Brasil- Argentina e Brasil- Uruguai*. In. MARTINS, Martis Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil- Uruguai- Argentina: Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. P. 229.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SCHEIDT, Eduardo. *A construção de fronteiras na Região Platina pela historiografia do século XIX e princípios do século XX*. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1 - 11. Disponível em:

XII SHCU

SEMINÁRIO DE
HISTÓRIA DA
CIDADE E DO
URBANISMO

Porto Alegre
15 a 18 de outubro 2012

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:
UMA VIA DE MÃO DUPLA**



<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307016353_ARQUIVO_Scheidt.t
extoRevistoANPUH11.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307016353_ARQUIVO_Scheidt.t
extoRevistoANPUH11.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2012.